

TRADUÇÃO DO POEMA *THE PACT*, DE SHARON OLDS

Valter Hugo Mãe: encantos & assombros

Os atos criativos provenientes da literatura, música, artes plásticas, teatro e do campo cultural em geral, aparecem na produção romanesca de Valter Hugo Mãe como um ingrediente que enriquece suas prosas poéticas, mas além, brindam com sofisticação e redesenham cada história ficcional, transformando-as, isentas de formas e conceitos padronizados, a saber, as produções romanescas de Valter Hugo Mãe: **o nosso reino** (2004); **o remorso de bal-tazar serapião** (2006); **o apocalipse dos trabalhadores** (2008); **a máquina de fazer espanhóis** (2010); **O filho de Mil homens** (2011); **A desumanização** (2013); **Homens imprudentemente poéticos** (2016); **As doenças do Brasil** (2021). A obra desse escritor é relativamente incipiente, porém tais produções conferem a ele uma carreira

notável neste início de século XXI.

Valter Hugo Mãe, além de escritor, é vocalista em uma banda, compositor, apresentador e vive o meio artístico encantado com as mais diversas formas de criações que pensam a vida no mundo. Em seus romances há traços desse grande apreço às artes, por meio de prefácios e dedicatórias de ilustres artistas. Há, também, no seio narrativo diversas passagens que condecoram artistas da cultura em geral e referências a países diversos também: Brasil, Japão, Islândia, Estados Unidos da América e Portugal. Dentre vários artistas incomuns que Valter Hugo Mãe homenageia, destaca-se no preâmbulo de **O filho de mil homens** (2016), uma composição de Sharon Olds, *The Pact*:

Irreverência e Esperança
Acrílica sobre painel, 2018



Cecilia krug

Cecilia krug é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL e professora da Educação Básica no Estado de Mato Grosso.

teachcisa@hotmail.com

THE PACT

We played dolls in that house where Father staggered with the Thanksgiving knife, where Mother wept at noon into her one ounce of cottage cheese, praying for the strength not to kill herself. We kneeled over the rubber bodies, gave them baths carefully, scrubbed their little orange hands, wrapped them up tight, said goodnight, never spoke of the woman like a gaping wound weeping on the stairs, the man like a stuck buffalo, baffled, stunned, dragging arrows in his side. As if we had made a pact of silence and safety, we kneeled and dressed those tiny torsos with their elegante belly-buttons and minuscule holes high on the buttock to pee through and all that darkness in their open mouths, so that I have not been able to forgive you for giving your daughter away, letting her go at eight as if you took Molly Ann or Tiny Tears and held her head under the water in the bathinette until no bubbles rose, or threw her dark rosy body on the fire that burned in that house where you and I barely survived, sister, where we swore to be protectors.
(MÃE, 2016, p. 16).

The Pact é um poema que apresenta uma reflexão à tão necessária blindagem dos afetos absortos em pessoas vulneráveis, desassistidas em tempos sombrios. Valter Hugo Mãe, diante dessa proposição, revela-se profundamente tocado pelas questões que intimidam e inferiorizam a vida humana. Eis um prosador incomodado com a dor, a desesperança que assola a humanidade hoje, porém encantado com

a beleza que se revela no ritmo de todas as artes, pousando seus pés na esteira que cria mundos prováveis e incertos.

Sharon Olds nasceu na Califórnia, em 1942, e vive em Nova York, onde leciona na New York University. Publicou seu primeiro livro de poemas em 1980, e mais catorze desde então. Entre outros prêmios, recebeu o National Book Award (1984) e o Pulitzer (2013).

O PACTO

Brincávamos de boneca naquela casa onde o Pai cambaleou com a faca de ação de graças, onde a Mãe chorou ao meio-dia em sua porção de queijo fresco, rezando para ter forças para não se matar. Nós ajoelhamos sobre os corpos de borracha, demos-lhes banhos cuidadosamente, esfregou suas pequenas mãos alaranjadas, embrulhou-as bem, disse boa noite, nunca falou da mulher com uma ferida aberta chorando nas escadas, o homem como um preso búfalo, perplexo, atordoado, arrastando flechas em seu lado. Como se tivéssemos feito um pacto de silêncio e segurança, ajoelhamo-nos e vestiu aqueles torsos minúsculos com sua elegância umbigos e buracos minúsculos alto na nádega para fazer xixi e tudo isso escuridão em suas bocas abertas, para que eu não fosse capaz de perdoá-lo por dar a sua filha, deixando-a ir oito como se você pegasse Molly Ann ou Tiny Tears e segurou sua cabeça debaixo d'água na banheira até que nenhuma bolha subiu, ou jogou-a corpo rosado no fogo que queimado naquela casa onde você e eu mal sobrevivemos, irmã, onde nós juramos ser protetoras.
(Tradução: krug, Cecília)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MÃE, Valter Hugo. **a máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MÃE, Valter Hugo. **As doenças do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021.

MÃE, Valter Hugo. **Homens imprudentemente poéticos**. 1ª ed., São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MÃE, Valter Hugo. **o apocalipse dos trabalhadores**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. 2ª ed., São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MÃE, Valter Hugo. **o nosso reino**. 1ª ed., São Paulo: Ed. 34, 2012.

MÃE, Valter Hugo. **o remorso de Baltazar Serapião**. 1ª ed., São Paulo: Ed. 34, 2010.